

ou a interrogar-se até que ponto ele próprio não se encontra ali retratado. No fundo, é essa relação íntima da escrita de Mario Materassi com a vida quotidiana que confere ao texto toda a vitalidade e faz da sua leitura um exercício tão estimulante.

Uma última nota à cerca do título do volume — *Il Romitorio*. Recorrendo à construção de um neologismo, em que facilmente se distinguem duas componentes — «romito» (eremita) e o sufixo «-orio», que evoca, de imediato, palavras como «dormitório» —, o autor encara essencialmente o tema da solidão, como aliás tem sido sobejamente afirmado. Sem retomar os problemas da velhice focados no primeiro e último dos contos, todos os restantes reproduzem episódios da realidade, que é a sociedade italiana contemporânea e, por sinédoque, a sociedade do mundo em que vivemos. O individualismo, o recolhimento de cada um na sua cela e a incomunicabilidade generalizada fazem de cada ser um eremita em sociedade e os bairros residenciais, como aquele em que abre o «American Bar», mais não são do que vastos eremitérios colectivos.

Para além do valor estético da obra, os contos de Materassi impõem-se pela dimensão poética e trágica da temática abordada e por permitirem ao leitor uma reflexão consciente e profunda sobre algumas das questões mais pertinentes da actualidade.

Manuel Ferro

A margem que lidera: a propósito de *Out of Everywhere*, de Maggie O'Sullivan (org.) (London: Reality Street Editions, 1996).

Não me posso impedir de começar a apresentação deste livro com os últimos três versos do último poema da primeira autora representada nesta extraordinária antologia, a norte-americana Susan Howe:

Must lie outside the house
Side of space I must cross

To write against the Ghost.
(*Out of Everywhere*: 18)

A primeira razão para esta escolha poderia ser a mais egoísta de todas, a que passa pelo reconhecimento de palavras que me abrirem caminhos novos na problematização de uma poética a cujo estudo me tenho vindo a dedicar nos últimos anos. De facto, o trabalho sobre o recentemente falecido poeta norte-americano, Robert Duncan, encontrou nesta sua amiga de longa data, e (auto-)proclamada herdeira da sua voz poética, uma fonte inesgotável de conhecimento e brilhante interlocução, quando, no contexto do *Programa de Poética* da Universidade de Nova Iorque em Buffalo, me foi permitido participar do seminário de pós-graduação por ela dirigido.

O pensamento de Ernst Kantorowicz¹ sobre a questão teológica e política da autoridade do Rei estará sempre presente, quer na reflexão de Duncan, quer na de Howe, sendo que, para esta, a relação desta autoridade com o feminino detém uma posição central. Nesse direito divino, a mulher fica fora dos dois corpos do Rei — o físico e o imanente, que lhe confere a autoridade, o espiritual. Em Howe (e em Duncan também) é esse poder falológico que dá forma e autoridade à linguagem que usamos. Por isso, escrever contra a autoridade é escrever contra o Espírito (*the Ghost*). Por isso, e também nos dois poetas, o lugar da margem é o único lugar possível e o único lugar que permitirá implodir esse poder legitimador presente na linguagem.

Chego assim à razão principal da escolha do meu começo, pois, creio, é nessa margem que se inscreve toda a poesia publicada numa colectânea que reúne as vozes femi-

¹ Kantorowicz, Ernst. *The King's Two Bodies. A Study in Medieval Political Theology*. Princeton: Princeton University Press, 1981 [1957].

ninas que (ainda?...) conseguem ocupar esse lugar perante a antropofagia neutralizadora dos vários cânones que hoje dominam o panorama literário. Trata-se, como o subtítulo claramente indica, de «linguistically innovative poetry by women in North America & the UK», ou, como diz Nicole Brossard, outra grande poeta canadiana, também uma interlocutora do acima mencionado *Programa de Poética* e participante dos Encontros Internacionais de Poetas de Coimbra:

i thought in profile and face to face
that nothing could put an end
to this skin of origin we know
splendidly in our territories
that this battle skin
knife undertow _____ eyes
that break up and bind turn amatory
phrases that address (letters)
women whose curves scintillate.

(*Out of Everywhere* : 112)

A autoridade de um outro corpo a que a linguagem — depois de já derrotada — tem agora que se dirigir, na procura libidinal da origem de uma outra representação, de uma outra forma de «curvas que cintilam». Será na procura dessas cintilações que a própria representação se revelará e que devolverá à consciência da ficcionalidade a fé numa qualquer visão, por natureza sempre inexacta, como a stevensiana Barbara Guest afirma:

The light of fiction and light of surface
sink into vision whose illumination
exacts its shade

(*Out of Everywhere* : 192)

Como se poderá ver, a diversidade de estilos é flagrante, mas o objectivo é comum e parece ser, como Maggie O'Sullivan explicitamente refere nas páginas introdutórias da antologia, «excavating language» (*Out of Everywhere*: 10), não se oferecendo uma

poesia que possa ser lida, como O'Sullivan também faz notar, através de estratégias mais convencionais de leitura, porque a leitura do mundo que estas mulheres levam a cabo não passa, de forma alguma, pela convenção («Each poet featured here [...] does not represent a familiar world and therefore cannot be read in familiar ways»). De resto, não poderia terminar esta pequena nota sem chamar a atenção para os três curtos textos da autoria da organizadora Maggie O'Sullivan, o primeiro («To the Reader»), e dos editores, Wendy Mulford e Ken Edwards, os dois últimos («After Word» e «Postscript»), porque conseguem, numa forma extraordinariamente reduzida, não só justificar os objectivos manifestamente políticos desta publicação, mas inseri-la, de forma brilhante a meu ver, no contexto da sua tradição de margem, em que pontuam técnicas ligadas ao *open field* e à *radical performance*, bem como as poéticas pioneiras de Gertrude Stein, Mina Loy, H.D. e Lorine Niedecker, as quais se enquadram, de forma ainda vanguardística, no movimento que hoje conhecemos por L=A=N=G=U=A=G=E em que esta antologia, sem dúvida, se inscreve. E aqui estarei, de forma algo contraditória e provocadora, a refutar o seu título, já que *Out of Everywhere* significa não só «vindas de todos os lugares» (e estas poetas vêm realmente de muitos, embora, convenhamos, de muitos de língua inglesa — o que nos mergulha na problemática tão actual do local e do global...), mas também «fora de todos os lugares»: fora da autoridade, fora do corpo divino, fora da linguagem e fora de todos os cânones, incluindo o feminista (facto a que quer a organizadora, quer os editores aludem repetidamente).

A questão é se hoje, e especificamente apenas no que se refere aos cânones literários anglo-americanos, a L=A=N=G=U=A=G=E pode continuar a considerar-se uma margem. Claro que Charles Bernstein e Bruce Andrews responderiam imediatamente que sim e tentariam impedir-me, como é seu

hábito, de falar de um movimento ou de uma escola, mas, se é verdade que os autores que se identificam como L=A=N=G=U=A=G=E estão longe de assumir uma posição preponderante, quer ao nível académico, quer ao nível editorial, não posso impedir-me de me perguntar se não estamos perante o facto consumado da sua neutralização pela inclusão nesse outro, hoje tão actual e (pós-)moderno, «cânone das margens»? A questão é velha e fica mais bem colocada no próprio livro, situando-se entre o autismo, de que nos fala Maggie O'Sullivan

Autistic low
twindom

to live in the Sky
to live Underground

(*Out of Everywhere* : 70)

e o desejo de ser ouvida(s), de que nos fala a também inglesa Geraldine Monk:

I wasn't here	I was here	I won't
here I wasn't	here I was	here I
wasn't was		
here		
	today gone to	
fora feeble		
	bit part	
	my tongue off on	
	off was was not	
here was I was not I t-here I was here me		
HEAR ME.		

(*Out of Everywhere* : 153)

Graça Capinha

Jayne Marek. *Women Editing Modernism. «Little» Magazines and Literary History*. Lexington, The University Press of Kentucky, 1995.

1. O presente estudo de Jayne Marek constitui um contributo, para além de significativo, duplamente inovador, por se abalar a uma reavaliação do movimento modernista anglo-americano mediante a recuperação de dois contributos deserdados da história literária: o das pequenas publicações literárias e o das mulheres que dirigiram algumas delas. *Women Editing Modernism* parte dos interstícios geralmente ignorados entre o autor e o público: as revistas literárias, cujas páginas frequentemente precediam a publicação de obras individuais e cujas direcções constituíam o primeiro momento de selecção dos textos. A preponderância da auto-definição de um movimento modernista másculo, por um lado, e a preferência da crítica pela análise de obras 'acabadas', por outro, para além da obscuridade a que o *New Criticism* votou estes canais de comunicação entre o autor e o público, explicam a marginalidade das áreas que a análise de Marek vem focar. Mas, se o presente estudo recupera o papel crucial das revistas literárias como palco de experimentação da literatura e arte que vieram a ser designadas 'modernistas', a centralidade é reivindicada para as mulheres que, contra todas as pressões culturais da sua época, tiveram a coragem, não apenas de construir e gerir esses órgãos, como também de contribuir para a ousadia da inovação. Como a autora afirma, «qualquer lista que pudessemos coligir de obras-primas do início do século XX incluiria uma larga proporção de obras para as quais as mulheres forneceram o fórum da primeira publicação, o ímpeto, o apoio monetário, ou a recepção crítica inicial [...]. Quanto mais observamos, mais provas encontramos de que, não fossem a perspicácia e desenvol-